Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Sintáticos - [Médio]

01 - (CEFET RJ)

TEXTO 1

Dorme, ruazinha... É tudo escuro
E os meus passos, quem é que pode ouví-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro
Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos...
Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...
Nem guardas para acaso perseguí-los...
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos...
O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão...
Dorme, ruazinha... Não há nada...
Só os meus passos... Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...

(QUINTANA, Mario. A rua dos cataventos. Porto Alegre: Globo, 1940.)

No texto I, o uso dos substantivos ruazinha e estrelinhas, no grau diminutivo,

a) deixa evidente que a dimensão física é a única coisa que importa ao eu-lírico.

b) revela a visão pragmática e redutora da natureza e das coisas pelo eu-lírico.

c) é perfeitamente natural, pois o eu-lírico, está se dirigindo a uma criança.

d) indica que o eu-lírico sente-se responsável pela segurança dos moradores.

e) é aceitável devido ao sentimento de afeição do eu-lírico em relação às coisas e à natureza.

02 - (FATEC SP)

Texto

[...]

E existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e covardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto

Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!

Extingue nesta hora o *brigue imundo*

O trilho que Colombo abriu nas vagas,

Como um 1 ris no pélago profundo!...

Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!...

Andrada! arranca esse pendão dos ares!

Colombo! fecha a porta dos teus mares!

"O navio negreiro', Castro Alves.

Considerando que **hipérbole** é um recurso que tem por finalidade produzir uma afirmação exagerada, assinale a alternativa em que se emprega esse recurso.

a) "Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, / Que impudente na gávea tripudia?"

b) "Auriverde pendão de minha terra,! Que a brisa do Brasil beija e balança" [...]

c) "Silêncio! Musa! chora, chora tanto! Que o pavilhão se lave no teu prantol

d) "Tu, que da liberdade após a guerra, / Foste hasteado dos heróis na lança" [...]

e) "Andrada! arranca este pendão dos ares! ! Colombo! fecha a porta dos teus mares!"

03 - (FUVEST SP)

Na posição em que se encontram, as palavras assinaladas nas frases abaixo geram ambigüidade, EXCETO em:

a) Pagar o FGTS <u>já</u> custa R$13,3 bi, diz o consultor.

b) Pais rejeitam <u>menos</u> crianças de proveta.

c) Consigo me divertir <u>também</u> aprendendo coisas antigas.

d) É um equívoco imaginar que a universidade do futuro será aquela que melhor lidar com as máquinas.

e) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite por sangue do público.

04 - (UNIFOR CE)

Outro dia, falando na vida do caboclo nordestino, eu disse aqui que ele não era infeliz. Ou não se sente infeliz, o que dá no mesmo. Mas é preciso compreender quanto varia o conceito de felicidade entre o homem urbano e essa nossa variedade de brasileiro rural. Para o homem da cidade, ser feliz se traduz em "ter coisas": ter apartamento, rádio, geladeira, televisão, bicicleta, automóvel. Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume. Para isso se escraviza, trabalha dia e noite e se gaba de bem sucedido. O homem daqui, seu conceito de felicidade é muito mais subjetivo: ser feliz não é ter coisas; ser feliz é ser livre, não precisar de trabalhar. E, mormente, não trabalhar obrigado. Trabalhar à vontade do corpo, quando há necessidade inadiável. Tipicamente, os três dias de jornal por semana que o morador deve a fazenda, segundo o costume, são chamados "a sujeição". O melhor patrão do mundo não é o que paga mais, é o que não exige sujeição. E a situação de meeiro é considerada ideal, não porque permita um maior desafogo econômico – o que nem sempre acontece – mas sim porque meeiro não é sujeito.

(Rached de Queiroz. Cem crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1989. p. 216)

Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume.

Na frase acima há uma relação de:

a) condição

b) proporcionalidade

c) temporalidade

d) causalidade

e) finalidade

05 - (UNIFICADO RJ)

Texto

Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que em deixa, que me deixa neste estado?

(Carlos Drummond de Andrade)

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.

a) “tão fora de mim eu vivo” (v. 2)

b) “que nem sei se vivo ou morto” (v. 3)

c) “Não pode a fera comigo” (v. 5)

d) “mas me derrota a formiga” (v. 7)

e) “Ou é a morta paixão” (v. 11)

06 - (UFTM MG)

Leia os quadrinhos.



(www.gilmaronline.zip.net. Adaptado.)

O elemento-surpresa da história é explorado por meio de

a) sequência de verbos no futuro do presente, formando uma gradação.

b) ambiguidades, decorrentes do emprego de pronomes demonstrativos.

c) frases cujos sujeitos não podem ser recuperados pelo contexto.

d) elipses dos complementos verbais e emprego de termos de sentido vago.

e) reiteração de palavras de sentido negativo, para reforçar a recusa do pedido.

07 - (IBMEC SP)

Esporte

BOLÃO DO BRASILEIRÃO | LUTAS | FÓRMULA 1



Empolgado com Rio

Presidente do UFC prevê abrir escritório no Brasil e evento na Rocinha

(www.uol.com.br, acesso em 30/08/2011)

A alternativa que corrige a falha de paralelismo gramatical existente na manchete, mantendo o mesmo sentido, é:

a) Presidente do UFC prevê abertura de escritório no Brasil e fazer evento na Rocinha.

b) Presidente do UFC prevê que escritório seja aberto no Brasil e evento na Rocinha.

c) Presidente do UFC prevê que abertura de escritório no Brasil crie evento na Rocinha.

d) Presidente do UFC prevê abrir escritório no Brasil e realizar evento na Rocinha.

e) Presidente do UFC prevê escritório no Brasil ou evento na Rocinha.

08 - (UNEMAT MT)

O CAVALO QUE BEBIA CERVEJA

"[...] Seo Priscílio apareceu, falou com seo Giovânio: se que estórias seriam aquelas, de um cavalo beber cerveja? Apurava com ele, apertava. Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça, fungando o escorrido do nariz, até o toco do charuto; mas não fez mau rosto ao outro. Passou muito a mão na testa: - "*Lei, quer ver*?" Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias, e uma gamela, nela despejou tudo, às espumas. Me mandou buscar o cavalo: o alazão canela-clara, bela face. O qual – era de se dar a fé? – Já avançou, avispado, de atreitas orelhas, arredondando as ventas, se lambendo: e grosso bebeu o rumor daquilo, gostado, até o fundo; a gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo! Quando era que tinha sido ensinado, possível? Pois, o cavalo ainda queria mais e mais cerveja. Seo Priscílio se vexava, no que agradeceu e se foi. Meu patrão assoviou de esguicho, olhou para mim: - "*Irivalíni, que estes tempos vão cambiando mal. Não laxa as armas!*" Aproveitei. Sorri de que ele tivesse as todas manhas e patranhas. Mesmo assim, meio me desgostava".

(ROSA, João Guimarães. O cavalo que bebia cerveja". In:______.
Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 145).

Guimarães Rosa, na sua obra, revela a necessidade de revitalizar o homem, por meio de uma estrutura linguística autêntica, promovendo, sobretudo, uma revolução instrumental: a revolução estilística. Esse é um ponto de vista apontado pelos críticos Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho, no livro *A Literatura no Brasil,* volume 4, publicado pela editora de São Paulo em 2004. Nessa perspectiva, marque a alternativa que identifica, nos dois trechos, essa revolução estilística, pela desconstrução da linguagem no conto “O cavalo que bebia cerveja”:

a) Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça / Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias.

b) Saiu, para surgir com um cesto com as garrafas cheias / Me mandou buscar o cavalo.

c) A gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo! / Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça.

d) Seo Giovânio permanecia muito cansado, sacudia devagar a cabeça / Pois, o cavalo ainda queria mais e mais cerveja.

e) Me mandou buscar o cavalo / A gente vendo que ele já era manhudo, cevado naquilo!

09 - (Unievangélica GO)

Leia os textos a seguir.

E nunca realizei nada na vida.

Sempre a inferioridade me tolheu.

E foi assim, sem luta, que acomodei

na mediocridade de meu destino.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e histórias mais**.
Goiânia: UFG, 1980. p. 157.

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras

e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha

um poema.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**
: meias confissões de Aninha Goiânia: UFG, 1985. p. 139.

A poética de Cora Coralina é acentuadamente autobiográfica. Nestes dois fragmentos, ao falar de certos contornos de sua própria vida, a escritora apresenta a si mesma de forma contraditória, ora marcada por resignação (primeiro poema), ora marcada pelo desafio (segundo poema).

Essa contradição pode ser identificada a partir dos seguintes recursos linguísticos:

a) presença de períodos simples (primeiro poema) e de períodos compostos por subordinação (segundo poema).

b) uso da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito (primeiro poema) e da 2ª pessoa do singular do imperativo (segundo poema).

c) predominância de frases afirmativas (primeiro poema) e de frases negativas (segundo poema).

d) emprego de advérbios de negação (primeiro poema) e de advérbios de tempo (segundo poema).

10 - (ENEM)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir

Mas avisar aos outros quanto é amargo

Cumprir o trato injusto e não falhar

Mas avisar aos outros quanto é injusto

Sofrer o esquema falso e não ceder

Mas avisar aos outros quanto é falso

Dizer também que são coisas mutáveis...

E quando em muitos a não pulsar

— do amargo e injusto e falso por mudar —

então confiar à gente exausta o plano

de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. **Tarefa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção “mas” articulam, para além de sua função sintática,

a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.

b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.

c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.

d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.

e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

11 - (ENEM)

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir todas as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

COLASANTI, M. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

A progressão é garantida nos textos por determinados recursos linguísticos, e pela conexão entre esses recursos e as ideias que eles expressam. Na crônica, a continuidade textual é construída, predominantemente, por meio

a) do emprego de vocabulário rebuscado, possibilitando a elegância do raciocínio.

b) da repetição de estruturas, garantindo o paralelismo sintático e de ideias.

c) da apresentação de argumentos lógicos, constituindo blocos textuais independentes.

d) da ordenação de orações justapostas, dispondo as informações de modo paralelo.

e) da estruturação de frases ambíguas, construindo efeitos de sentido opostos.

12 - (ENEM)

O bonde abre a viagem,

No banco ninguém,

Estou só, stou sem.

Depois sobe um homem,

No banco sentou,

Companheiro vou.

O bonde está cheio,

De novo porém

Não sou mais ninguém.

ANDRADE, M. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Em um texto literário, é comum que os recursos poéticos e linguísticos participem do significado do texto, isto é, forma e conteúdo se relacionam significativamente. Com relação ao poema de Mário de Andrade, a correlação entre um recurso formal e um aspecto da significação do texto é

a) a sucessão de orações coordenadas, que remete à sucessão de cenas e emoções sentidas pelo eu lírico ao longo da viagem.

b) a elisão dos verbos, recurso estilístico constante no poema, que acentua o ritmo acelerado da modernidade.

c) o emprego de versos curtos e irregulares em sua métrica, que reproduzem uma viagem de bonde, com suas paradas e retomadas de movimento.

d) a sonoridade do poema, carregada de sons nasais, que representa a tristeza do eu lírico ao longo de toda a viagem.

e) a ausência de rima nos versos, recurso muito utilizado pelos modernistas, que aproxima a linguagem do poema da linguagem cotidiana.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 13

Morte e Vida Severina

O meu nome é Severino
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
Como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:

há muitos na freguesia,

por causa de um coronel

que se chamou Zacarias

e que foi o mais antigo

senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala

ora a Vossas Senhorias?

Vejamos: é o Severino

da Maria do Zacarias,

lá da serra da Costela,

limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:

se ao menos mais cinco havia

com nome de Severino

filhos de tantas Marias

mulheres de outros tantos,

já finados Zacarias,

vivendo na mesma serra

magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos

iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande

que a custo se equilibra,

no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas,

e iguais também porque o sangue

que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte Severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte,

de fome um pouco por dia

(de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos

Iguais em tudo e na sina:

a de abrandar estas pedras

suando-se muito em cima,

a de tentar despertar

terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar

algum roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam

melhor Vossas Senhorias

e melhor possam seguir

a história da minha vida,

passo a ser o Severino

que em vossa presença emigra.

(João Cabral M. Neto – Morte e Vida Severina – Ed. Nova. Fronteira – 1997 – adaptado)

13 - (UNIFOA MG)

Elipse é um recurso de coesão textual que consiste na omissão de um termo anteriormente mencionado. Assinale a passagem do texto em que o autor não utilizou este recurso.

a) não tenho outro de pia.

b) fique sendo o da Maria.

c) há muitos na freguesia.

d) e que foi o mais antigo.

e) a de abrandar estas pedras.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 14

Impasses na lógica global?

Uma das certezas que movem a lógica global é a de que a China e a Índia manterão as trajetórias atuais de estabilidade política e altas taxas de crescimento econômico.

As projeções de longo prazo supõem uma contínua melhora de renda dos 2,4 bilhões de chineses e indianos – que constituem 25% da população mundial –, mantendo o vigor do capitalismo globalizado.

É curioso como não aprendemos com a história e com nossos inúmeros erros de previsão; a arrogância não nos deixa perceber que é preciso suportar um futuro freqüentemente além da nossa percepção, tantas são as variáveis que nele influem. Lidamos com o tempo que virá de forma pouco responsável.

Na verdade, não agüentamos não saber. E, por isso, transformamos meras hipóteses em certezas, deixando na beira da estrada justamente as dúvidas que nos poderiam salvar. Basta

verificar que boa parte das projeções de mais de 10 anos, feitas durante o século 20, foi equivocada. Crises imprevistas são inerentes ao capitalismo, que delas se nutre, renovando-se em meio a cinzas e sucatas.

Se analisarmos o complexo quadro atual, não é difícil enxergar graves impasses estruturais que o mundo pode ter de enfrentar ainda na próxima década.

Alguns são decorrentes justamente do padrão de inserção da China e da Índia numa lógica global que se aproveita deles para um casamento de interesses, à primeira vista, virtuoso.

Suponhamos, em primeiro lugar, que essas duas nações apenas pretendam atingir, em 10 anos, um padrão de vida equivalente à média atual do Brasil e do México, que ainda são pobres. Na verdade, a maioria dos analistas internacionais espera muito mais que isso.

Vamos tentar indicar – de maneira simplificada – que impactos isso poderia causar. A renda anual média de cada brasileiro, medida pelo Banco Mundial (2005), é de US$ 8.195 e a do mexicano, de US$ 9.803. Ou seja, a média dos dois é de US$ 8.999. A China tem, hoje, US$ 5.896 por habitante/ano e a Índia, US$ 3.139, o que dá uma média de US$ 4.518.

Para que esse valor atinja a média de Brasil e México em 10 anos, será necessário adicionar US$ 4.518 a cada cidadão chinês e indiano; se multiplicarmos esse valor pelos seus 2.375 milhões de habitantes, teremos um total de US$ 10.647 bilhões.

Ora, esse imenso valor, a ser criado em apenas uma década, seria próximo do PIB norte-americano (US$ 11.641 bilhões), que responde, hoje, por 28% do total mundial.

Imagine-se o impacto brutal que isso significaria em recursos naturais, matérias-primas, poluição ambiental e efeito estufa em nível planetário.

Alguns cenários, bem mais pessimistas, se delineiam. Um deles poderá eclodir por meio de tensões sociais e políticas na China, que conduzam a distúrbios e rupturas; cenário, aliás, muito possível para um país gigantesco em tamanho e desafios.

Outro eventual impasse estrutural é a tendência declinante de salários mundiais a partir da pressão por competitividade global.

O custo médio salarial de uma faixa-padrão de trabalhador qualificado, na União Européia, é de US$ 25 por hora; nos EUA, é de US$ 20; no Leste da Europa e no Brasil, é de US$ 4; mas, na China, é de US$ 0,7.

Diante dessa assimetria brutal, o México já perdeu para os chineses quase metade dos empregos de suas maquiadoras; a Europa tem dificuldades em utilizar os “baixos” salários dos países do Leste; e a América Latina fica fora das oportunidades que a fragmentação da produção global gera, porque não consegue competir com os salários de fome da Ásia.

Pelo visto, parece que uma diminuição do nível de emprego no mundo não-asiático e uma convergência geral dos salários globais em direção a um nível inferior, puxada pela Ásia, é uma das alternativas concretas de médio prazo.

Isso significaria redução geral de renda, pressão contínua para rebaixamento de proteção social e mais uma forte diluição das classes médias tradicionais.

Para além da euforia com o crescimento do mundo puxado pela China e pela Índia, nuvens carregadas também tingem o céu do futuro. O pretensioso mundo global quer viver de certezas; no entanto é bom estarmos preparados para surpresas.

DUPAS, Gilberto. “Impasses na lógica global?”. Disponível em www.jornaldaciencia.org.br, de 18 dez. 2006. Acesso: 26 dez. 2006. (Texto adaptado)

14 - (UFT TO)

Assinale a alternativa em que os **dois** termos destacados, no par de frases transcritas, exercem a mesma função sintática.

a) ... a arrogância não nos deixa perceber **que** é preciso suportar... (linhas 9-10)

Lidamos com o tempo **que** virá de forma pouco responsável. (linhas 11-12)

b) ... inerentes ao capitalismo, **que** delas se nutre... (linhas 17-18)

Uma das certezas [...] é a de **que** a China e a Índia manterão... (linhas 1-2)

c) ... justamente as dúvidas **que** nos poderiam salvar. (linha 15)

... numa lógica global **que** se aproveita deles... (linha 24)

d) Vamos tentar indicar [...] **que** impactos isso poderia causar. (linhas 30-31)

Suponhamos [...] **que** essas duas nações apenas pretendam... (linhas 26-27)

TEXTO: 3 - Comum à questão: 15

O território

O trem de ferro partia cedo, acordando Ilhéus, os trilhos na terra esbranquiçada do mar. Rompia léguas, a máquina fervendo, as vilas e arruados ficando atrás. Internava-se pouco a pouco na mata, fumaça e pó nos vagões, seu apito gritando nos campos. Os cacaueiros escuros, casas em solidão, bolsões de capim alto. Ele passava, homens a sua carga, a selva ainda como nascera, virgem e sem caminhos. Estacava na ponta dos trilhos, o rio ali se alargava, os grapiúnas***** esperavam. A última estação, um arruado de casas pobres, casebres arruinados, cor-de-chumbo a terra. Sequeiro, lugar de guerras, muito sangue no chão, as balas dos rifles nas paredes, cheiro de cacau no calor pesado.

– Aqui começa o território – o menino sabia.

....

Grande e selvagem o território. Viajar, percorrendo-o nos vales e nos flancos da selva, era conhecer lajedos fechando as passagens e deter-se para vê-lo melhor. Sua aspereza, a força, seus viventes. Ninguém fraco em suas fronteiras, nem mesmo os pássaros, muito menos os homens. A pólvora na aguardente uma bebida, o domador tão selvagem quanto o cavalo, o gavião se fazia rei porque matava. Era assim o território.

Adonias Filho. *Léguas da promissão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

***grapiúna**: nome dado pelos sertanejos aos habitantes do litoral.

15 - (FGV)

Um dos principais recursos utilizados pelo autor para descrever o espaço em que se dá a ação é o uso reiterado de:

a) frases nominais.

b) adjetivos antepostos.

c) orações subordinadas.

d) advérbios de lugar.

e) verbos no presente.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 16

Darwin 200, por Ir. Joaquim Clotet (Reitor da PUC)

[1]Comemoramos em 2009 o segundo centenário do nascimento de Charles Robert Darwin. Um [2]homem admirado, estudado e até considerado polêmico por alguns.

[3]As homenagens, os congressos, as publicações e as exposições serão inúmeras. Sociedades [4]científicas, filosóficas e teológicas, universidades e museus de história natural têm já programadas as mais [5]diversas atividades sobre a vida e a obra do relevante cientista, nascido em 12 de fevereiro de 1809. A [6]Universidade de Cambridge, a título de exemplo, tem programado para o próximo mês de julho o Darwin [7]Festival, um evento científico e cultural de extrema relevância. Do mesmo modo, o Natural History [8]Museum de Londres já inaugurou a Darwin Exhibition, _________ e altamente documentada exposição [9]sobre o autor.

[10]Não deixa de chamar a atenção a _____________ universitária do grande naturalista, observador [11]e colecionador. Iniciou os estudos de medicina na Universidade de Edimburgo. Vale acrescentar que o pai [12]dele era médico. Abandonou essa opção antes de ter concluído o curso. Ingressou na Universidade de [13]Cambridge para estudar artes. Nessa época, aproximou-se das línguas clássicas, da filosofia, da teologia [14]e, por incrível que pareça, da matemática e da física.

[15]Nem o mundo das humanidades nem o das ciências divinas configurou, contudo, sua indiscutível e [16]preclara opção intelectual: a observação atenta e crítica da natureza.

[17]Duas experiências marcaram definitivamente o futuro do notabilíssimo cientista: uma viagem e o [18]jardim da sua casa.

[19]A viagem, realizada no Beagle, durou cinco anos e permitiu-lhe observar, escrever, desenhar e [20]colecionar animais e plantas numa longa singradura. Dois terços dessa viagem passou-os em terra firme. [21]Por sinal, de abril a junho de 1832, esteve no Brasil e alugou uma propriedade na baía de Botafogo. De [22]volta à pátria, comprou uma casa, Down House, a 16 milhas de Londres. O grande jardim nela existente [23]foi o seu laboratório. A leitura dos dados obtidos na viagem, o exame dos espécimes coletados e seus [24]experimentos com orquídeas, pombas, baratas e minhocas, entre os outros muitos por ele realizados, o [25]inspiraram à formulação de sua teoria da seleção natural e prepararam a edição da Origem das Espécies, [26]1859.

[27]A vida e a obra do bicentenário autor são ainda hoje objeto de acendrado estudo, pesquisa e [28]debate, atingindo o patamar da transdisciplinaridade. Esse reconhecimento do valor e significado da sua [29]produção contrasta com a discrição do avisado viajante e do erudito pesquisador, pois ele próprio afirmava [30]que não era especialista em nenhuma disciplina.

[31]Continuam ainda hoje o estudo e o debate entre criacionismo, ou doutrina bíblica da criação, e [32]evolucionismo, proveniente da seleção natural. O papa Pio XII, na sua carta encíclica Humani Generis, [33]1950, convida e estimula ao aprofundamento de ambas as teorias. A Academia Pontifícia das Ciências, do [34]Vaticano, dedicou ______ extraordinárias ao tema no passado mês de novembro. Afirmou-se a existência [35]de provas que evidenciam a evolução. Destaca-se, porém, que o ser humano, o homem e a mulher, não [36]são o resultado do caos, mas que foram pensados e amados pelo Criador. Uma conferência internacional [37]sobre a _________ entre a fé e a teoria da evolução está programada pela mesma entidade para o [38]próximo mês de março. Não é em vão que Darwin também estudou teologia e era homem que amava o [39]diálogo.

(Zero Hora - 09 de janeiro de 2009 – texto adaptado)

16 - (UERGS RS)

Em relação aos termos sublinhados na frase *Dois terços dessa viagem passou-os em terra firme.* (ref. 20), afirma-se que:

I. Têm a mesma função sintática.

II. Têm funções sintáticas diferentes.

III. O segundo termo retoma o primeiro.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas I e III.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 17

Leia os versos de Almeida Garrett.

Não te amo, quero-te: o amor vem da alma.
E eu na alma – tenho a calma,
A calma – do jazigo.
Ai! Não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida – nem sentida
A trago eu já, comigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

17 - (Fac. Direito de Sorocaba SP)

Em ordem direta e de forma concisa, os versos – *Ai! não te amo, não; e só te quero / De um querer bruto e fero / Que o sangue me devora, / Não chega ao coração.* – assumem a seguinte redação:

a) Ai! não te amo, não; te quero! De um querer que o sangue me devora bruto e fero e não chega ao coração.

b) Ai! não te amo; e só te quero. De um querer bruto e fero, do qual o sangue me devora, sem que chegue ao coração.

c) Não te amo, não; e só te quero – de um querer bruto e fero que me devora o sangue, e não chega ao coração.

d) Não te amo, só te quero: de um querer bruto e fero, que devora o meu sangue, mas não chega ao coração.

e) Não te amo; e só te quero. De um querer bruto e fero ao qual o sangue me devora, embora não chegue ao coração.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 18

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

1° As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

2° Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

3° O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar

de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

4° A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é *shúnya*”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, *shúnya* significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, *shúnya* refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo *shúnya* – que, em árabe, se tornou *shifr* e foi latinizado para *zephirum*, depois *zéfiro*, *zefro* e, por fim, zero.

5º Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

6° E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

7° “Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

8° Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de "sistema de numeração posicional". Apesar do nome comprido, a ideia é simples. "Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam", explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

9° O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. "Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta", diz Ubiratan.

10° Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. "Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero", diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. "Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato", afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava "aquilo que ficou para trás", como os pingos de chuva depois de uma tempestade.

Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

11° Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. "É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar", diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. "Com o zero, qualquer um poderia fazer contas", diz Ana Maria. "Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos." Seria uma revolução.

12° Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial,desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipode cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

13° Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

14° Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

15° Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo (1 – 1 = 0). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero (0 x 4 = 0). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas (0 ÷ 3 = 0), que não muda seu jeitão. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

16° Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (Zero: A Biografia de uma Ideia

Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <http://super.abril.com.br/
ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>. Acesso em 14 mar. 2012. (ADAPTADO)

Texto II

CERTAS COISAS (Lulu Santos)

(1) Não existiria som

(2) Se não houvesse o silêncio

(3) Não haveria luz

(4) Se não fosse a escuridão

(5) A vida é mesmo assim,

(6) Dia e noite, não e sim...

(7) Cada voz que canta o amor não diz

(8) Tudo o que quer dizer,

(9) Tudo o que cala fala

(10) Mais alto ao coração.

(11) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(12) Eu te amo calado,

(13) Como quem ouve uma sinfonia

(14) De silêncios e de luz.

(15) Nós somos medo e desejo,

(16) Somos feitos de silêncio e som,

(17) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

(18) A vida é mesmo assim,

(19) Dia e noite, não e sim...

(20) Cada voz que canta o amor não diz

(21) Tudo o que quer dizer,

(22) Tudo o que cala fala

(23) Mais alto ao coração.

(24) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(25) Eu te amo calado,

(26) Como quem ouve uma sinfonia

(27) De silêncios e de luz,

(28) Nós somos medo e desejo,

(29) Somos feitos de silêncio e som,

(30) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

Disponível em <http://letras.terra.com.br/lulu-santos/35063/> Acesso em 15 mar. 2012.

18 - (IME RJ)

Observe, nos fragmentos abaixo, os termos destacados. Assinale a opção em que a função sintática do termo em destaque é **diferente** das demais.

a) “Só **as** obedece como e quando bem entende”. (1º parágrafo, texto I)

b) “Ao mesmo tempo indicar **o nada** e trazer embutido em si algum conteúdo”. (3º parágrafo, texto I)

c) “A primeira era uma elipse fechada **que** lembrava um olho”. (5º parágrafo, texto I)

d) “Trata-se do sistema **que** utilizamos atualmente”. (8º parágrafo, texto I)

e) "Por isso, Kaplan considera **o zero** um número subversivo”. (12º parágrafo, texto I)

TEXTO: 7 - Comum às questões: 19, 20

TEXTO 1

Escher, o gênio da arte matemática

Com a ajuda da geometria, nada é o que aparenta ser no trabalho surpreendente do artista holandês.

[1] Você já deve ter visto pelo menos uma das gravuras do artista gráfico holandês M. C. [2] Escher. Elas já foram reproduzidas não só em dezenas de livros de arte, mas também na [3] forma de pôsteres, postais, jogos, CD-ROMs, camisetas e até gravatas. Caso não se [4] lembre, então você não viu nenhuma. Olhar para as intrigantes imagens criadas por [5] Escher é uma experiência inesquecível. Tudo o que nelas está representado nunca é [6] exatamente o que parece ser. Há, em todas elas, sempre uma surpresa visual espera [7] do espectador. Isso porque, para ele, o desenho era pura ilusão. A realidade pouco [8] interessava. Antes, preferia o contrário: criar mundos impossíveis que apenas parecessem [9] reais. Eis porque acabou se tornando uma espécie de mágico das artes gráficas.

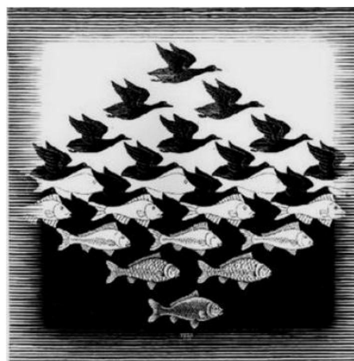
[10] Seus desenhos, porém, não nasciam de passes de mágica, nem somente de sua [11] apurada técnica de gravador. Sua obra está apoiada em conceitos matemáticos, extraídos [12] especialmente do campo da geometria. Essa era a fonte de seus efeitos surpreendentes. [13] Foi com base nesses

princípios que Escher subverteu a noção da perspectiva clássica [14] para obter suas figuras impossíveis de existir no espaço "real". Aliás, desde o começo, [15] fascinou-o essa condição essencial do desenho, que é a representação tridimensional dos [16] objetos na inevitável bidimensionalidade do papel. Brincou com isso o mais que pôde. [17] Também ___ matemática na divisão regular da superfície usada por Escher para criar, de [18] maneira perfeita, suas famosas séries de metamorfoses, onde formas geométricas [19] abstratas ganham vida e vão, aos poucos, se transformando em aves, peixes, répteis e até [20] seres humanos.

[21] Foi essa proximidade com a ciência que deixou os críticos de arte da época de cabelo [22] em pé. Afinal, como classificar o trabalho de Escher? Era "artístico" o que ele fazia ou [23] puramente "racional"? Na dúvida, preferiram silenciar sobre sua obra durante vários anos [24] Enquanto isso, o artista foi ganhando a admiração de matemáticos, físicos, cristalógrafos e [25] eruditos em geral. Mas essa é outra faceta surpreendente de Escher

[26] Embora seus trabalhos tivessem forte conteúdo matemático, ele era leigo no assunto. [27] ____ bem da verdade, Escher sequer foi um bom aluno. Ele mesmo admitiu mais tarde [28] que jamais ganhou, ao menos, um "regular" em matemática. Conta-se até que H.M.S. [29] Coxeter, um dos papas da geometria moderna, entusiasmado com os desenhos do [30] artista, convidou-o a participar de uma de suas aulas. Vexame total. Para decepção do [31] catedrático, Escher não sabia do que ele estava falando, mesmo quando discorria [32] sobre teorias que o artista aplicava intuitivamente em suas gravuras.

GALILEU. **Escher, o gênio da matemática**. Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/88/conhecimento2.htm> Acesso em 05/05/2013.



Xilogravura: 'Céu e Água I', de 1938.

Foto: The M.C. Escher Company B.V. Baarn,The Netherlands.

VEJASP. **Xilogravura ‘Céu e Água’**. Disponível em: http://vejasp.abril.com.br/atracao/maurits-cornelis-escher. Acesso em 09/05/2013.

TEXTO 2

Arte estimula o aprendizado de matemática

[1] Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e [2] continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em [3] vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

[4] O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São [5] Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos [6] poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de [7] matemática". Para ele, a matemática captura __ lógica do raciocínio, assim como [8] acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na [9] pintura, nas artes em geral.

[10] Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da [11] USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de [12] absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a [13] demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

[14] O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores [15] representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente [16] estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar __ formas espaciais do [17] ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se [18] expressar plasticamente.

[19] "Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas [20] observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que [21] morreu em 1972.

CIÊNCIA E CULTURA. **Arte estimula o aprendizado de matemática**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

TEXTO 3

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

Às folhas tantas
do livro matemático
um Quociente apaixonou-se
um dia
doidamente
por uma Incógnita.
Olhou-a com seu olhar inumerável
e viu-a do ápice __ base
uma figura ímpar;
olhos romboides, boca trapezoide,
corpo retangular, seios esferoides.
Fez de sua uma vida
paralela à dela
até que se encontraram
no infinito.
"Quem és tu?", indagou ele
em ânsia radical.

"Sou a soma do quadrado dos catetos.
Mas pode me chamar de Hipotenusa."
E de falarem descobriram que eram
(o que em aritmética corresponde
a almas irmãs)
primos entre si.
E assim se amaram
ao quadrado da velocidade da luz
numa sexta potenciação
traçando
ao sabor do momento
e da paixão
retas, curvas, círculos e linhas senoidais
nos jardins da quarta dimensão.
Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidiana
e os exegetas do Universo Finito.
Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.
E enfim resolveram se casar
constituir um lar,
mais que um lar,
um perpendicular.
Convidaram para padrinhos
o Poliedro e a Bissetriz.
E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro
sonhando com uma felicidade

integral e diferencial.
E se casaram e tiveram uma secante e três cones
muito engraçadinhos.
E foram felizes
até aquele dia
em que tudo vira afinal
monotonia.
Foi então que surgiu
O Máximo Divisor Comum
frequentador de círculos concêntricos,
viciosos.
Ofereceu-lhe, a ela,
uma grandeza absoluta
e reduziu-a a um denominador comum.
Ele, Quociente, percebeu
que com ela não formava mais um todo,
uma unidade.
Era o triângulo,
tanto chamado amoroso.
Desse problema ela era uma fração,
a mais ordinária.
Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
e tudo que era espúrio passou a ser
moralidade
como aliás em qualquer

68 sociedade

RELEITURAS. **Poesia matemática**. Disponível em: <
http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>. Acesso em 09/05/2013.

19 - (IME RJ)

“Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas observações, entro em contato com o mundo da matemática.”

Em relação às combinações sintáticas do trecho acima, qual das opções apresenta uma análise equivocada referentes às expressões destacadas abaixo?

a) A palavra **que** funciona como objeto direto de “rodeiam”.

b) A expressão “**as minhas observações**” funciona como sintagma nominal (objeto direto) de “**ponderando**” e “**analisando**”.

c) “**entro em contato com o mundo da matemática**” é a oração principal à qual três outras orações estão subordinadas.

d) “**olhando**”, “**ponderando**” e “**analisando**” são orações subordinadas adverbiais temporais reduzidas de gerúndio, isto é, têm função adverbial em relação à principal.

e) A oração “**que** **nos** **rodeiam**” tem função adjetiva em relação ao substantivo “**enigmas**” que a antecede.

20 - (IME RJ)

Observe a oração destacada a seguir:

“**Olhar para as intrigantes imagens criadas por Escher** é uma experiência inesquecível.” (Ref. 4, texto 1)

Em qual das opções abaixo a expressão em destaque exerce função sintática distinta daquela da expressão destacada acima?

a) (...) criar mundos impossíveis **que** apenas parecessem reais (...) (Ref. 8, texto 1)

b) (...) **Tudo** o que nelas está representado nunca é exatamente o que parece ser. (...) (Ref. 5, texto 1)

c) (...) **Essa** era a fonte de seus efeitos surpreendentes. (...) (Ref. 12, texto 1)

d) (...) que é **a representação tridimensional dos objetos** na inevitável bidimensionalidade do papel. (...) (Ref 15, texto 1)

e) (...) mesmo quando discorria sobre teorias que **o artista** aplicava intuitivamente (...) (Ref. 31, texto 1)

TEXTO: 8 - Comum à questão: 21

[1] O esforço dos pensadores que nos antecederam [2] deixou pontos de partida muito valiosos. Mas devemos [3] reconhecer que eles nos falaram de um país que, pelo [4] menos em parte, deixou de existir. O Brasil de Gilberto [5] Freyre girava em torno da família extensa da casa-grande, [6] um espaço integrador dentro da monumental [7] desigualdade; o de Sérgio Buarque apenas iniciava a [8] aventura de uma urbanização que prometia associar-se [9] à modernidade e à cidadania; o de Caio Prado mantinha [10] a perspectiva da libertação nacional e do socialismo; o [11] de Celso Furtado era uma economia dinâmica, que [12] experimentava uma acelerada modernização industrial; [13] o de Darcy Ribeiro – cujos ídolos, como sempre dizia, [14] eram Anísio Teixeira e Cândido Rondon – ampliava a [15] escola pública de boa qualidade e recusava o genocídio [16] de suas populações mais fragilizadas.

[17] Os elementos centrais com que todos eles [18] trabalharam foram profundamente alterados nas últimas [19] décadas. A economia mais dinâmica do mundo, que [20] dobrou seu produto, cinco vezes seguidas, em 50 anos, [21] caminha para experimentar a terceira década rastejante. [22] Todos os mecanismos que garantiram mobilidade social [23] na maior parte do século XX foram impiedosamente [24] desmontados, a começar pela escola pública. A [25] urbanização acelerada concentrou multidões [26] desenraizadas, enquanto a desorganização do mercado [27] de trabalho multiplicava excluídos. Tornado refém do [28] sistema financeiro, o Estado nacional deixou de cumprir [29] funções estruturantes essenciais. A fronteira agrícola foi [30] fechada, estabelecendo-se nas áreas de ocupação [31] recente uma estrutura fundiária ainda mais concentrada [32] que a das áreas de

ocupação secular. Nessa sociedade [33] urbanizada e estagnada, os meios eletrônicos de [34] comunicação de massa tornaram-se, de longe, a principal [35] instituição difusora de desejos, comportamentos e [36] valores, inoculando diariamente, maciçamente e [37] irresponsavelmente, uma necessidade de consumo [38] desagregadora, pois inacessível. “Nunca foi tão grande a [39] distância entre o que somos e o que poderíamos ser”, [40] disse recentemente Celso Furtado, antes de nos deixar.

[41] Não temos uma teoria do Brasil contemporâneo. [42] Estamos em voo cego, imersos em uma crise de destino, [43] a maior da nossa existência. A História está nos olhando [44] nos olhos, perguntando: “Afinal, o que vocês são? O [45] que querem ser? Tem sentido existir Brasil? Qual Brasil?”.

[46] Temos hesitado em enfrentar questões tão difíceis, [47] tão radicais. Preferimos brincar de macroeconomia. Mas [48] a disjunção está posta: ou o povo brasileiro, movido por [49] uma ideia de si mesmo, assume pela primeira vez o [50] comando de sua nação, para resgatá-la, reinventá-la e [51] desenvolvê-la, ou assistiremos neste século ao [52] desfazimento do Brasil. Se ocorrer esse último desfecho, [53] representará um duríssimo golpe nas melhores [54] promessas da modernidade ocidental e será um [55] retrocesso no processo civilizatório de toda a [56] humanidade. A invenção do futuro se tornará muito mais [57] penosa para todos.

BENJAMIN, César. Uma certa ideia de Brasil.
Revista Interesse Nacional. Disponível em:
<http://interessenacional.uol.com.br/index.php/
edicoesrevista/ uma-certa-ideia-de-brasil/>.
Acesso em: 6 maio 2014. Adaptado.

21 - (UEFS BA)

As circunstâncias que explicitam, no contexto em que se inserem, um posicionamento crítico do articulista são as indicadas em

I. “impiedosamente” (*Ref*. 23).

II. “diariamente” (*Ref*. 36).

III. “maciçamente” (*Ref*. 36).

IV. “irresponsavelmente” (*Ref*. 37).

V. “recentemente” (*Ref*. 40).

A alternativa em que todas as circunstâncias indicadas estão corretas é a

a) I e II.

b) I e IV.

c) II e III.

d) II e V.

e) III, IV e V.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 22

Oração do Milho

Cora Coralina

Senhor, nada valho.

Sou a planta humilde dos quintais pequenos

e das lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso,

nasce e cresce na terra descuidada.

Ponho folhas e haste, e, se me ajudardes, Senhor,

mesmo planta de acaso, solitária,

dou espigas e devolvo em muitos grãos

o grão perdido inicial, salvo por milagre,

que a terra fecundou.

Sou a planta primária da lavoura.

Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo,
de mim não se faz o pão alvo universal.
O justo não me consagrou Pão de Vida
nem lugar me foi dado nos altares.
Sou apenas o alimento forte e substancial
dos que trabalham a terra,
alimento de rústicos e animais de jugo.
Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
coroados de rosas e de espigas,
e os hebreus iam em longas caravanas
buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
e Jesus abençoava os trigais maduros,
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.
Fui o angu pesado e constante do escravo
na exaustão do eito.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
Sou a farinha econômica do proprietário, sou a polenta
do imigrante e a amiga dos que começam a vida
em terra estranha.
Alimento de porcos e do triste mu de carga,
o que me planta não levanta comércio,
nem avantaja dinheiro.
Sou apenas a fartura generosa
e despreocupada dos paióis.

Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.

Sou o canto festivo dos galos

na glória do dia que amanhece.

Sou o cacarejo alegre das poedeiras

à volta dos ninhos.

Sou a pobreza vegetal agradecida a vós,

Senhor,

que me fizestes necessário e humilde.

Sou o milho!

Disponível em: www.plataforma.paraapoesia.nom.br/esther_ ensaios.htm Acesso em: 07 Nov. 2014.

22 - (IFGO)

Observe os seguintes versos do poema: “Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada”. O trecho do verso que está entre vírgulas apresenta a mesma função sintática registrada em

a) “Ó noite, ó minha nega acesa de letreiros”.

b) “Eu sou de três jeitos: alegre, triste e mofina”.

c) “Vem, morena, ouvir comigo esta cantiga”.

d) “Senhor, nada valho”.

e) “Ouça-me bem, amor preste atenção, o mundo é um moinho”.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 23

TEXTO 1:

O CÉREBRO

Luiz Fernando Veríssimo, Zero Hora, 09/06/14

[1] Lembra quando se dizia que determinado jogador era o cérebro do time? Foi uma das expressões que [2] desapareceram do glossário do futebol, como ―cabeça de área . Era uma denominação imprecisa. Não significava que o [3] jogador monopolizava a inteligência do time. Nem deveria ser tomada literalmente, como uma descrição anatômica (assim [4] outro jogador seria o pulmão do time, outro o coração, outro o fígado...). O cérebro do time era geralmente um [5] centromédio – outro termo que desapareceu – que ―pensava o jogo e distribuía a bola com sabedoria. Orientava os [6] companheiros, municiava o ataque com passes certeiros e só não jogava fumando um cachimbo metafórico, para completar [7] sua imagem professoral, porque o juiz não deixaria.

[8] O futebol mudou e o meio do campo não é mais um lugar seguro para intelectuais. É onde o domínio do jogo é [9] disputado com rudeza, a machadadas, e não há tempo nem espaço para a sabedoria. Hoje você olha o meio-campo da [10] Seleção Brasileira com uma nostalgia difícil de definir – até se dar conta de que está procurando o ―cérebro . Você está com [11] saudade do antigo ―cérebro . E não vê nada sequer parecido no time do Brasil.

[12] (...)

TEXTO 2:

A INTELIGÊNCIA

Moisés Mendes, Zero Hora, 10/06/14

[1] Não tem jeito, é hora de falar da Copa. Lanço uma tese a dois dias da estreia: um time perfeito, para ser campeão [2] tem que ter pelo menos um jogador que não olhe para a bola. Que olhe para o alto, para os lados, para as costas, mas que [3] olhe pouco para o chão.

[4] Esse jogador de cabeça erguida não é só a referência técnica, é a inteligência tática e emocional do time. Um [5] exemplo clássico: um Didi. Exemplos atuais: os espanhóis Iniesta e Xavi.

[6] A Seleção que estreia quinta não tem este homem. O jogador de inteligência superior raramente está lá na frente, [7] apenas no ataque. Ele vai e volta. Nunca seria um Garrincha ou um Romário, ou um Nazário.

[8] (...)

[9] A inteligência do time não é o capitão ou o exemplo. Não é um Bellini, um Carlos Alberto ou um Dunga, muito [10] menos um Thiago Silva ou um David Luiz.

[11] (...)

[12] A inteligência também não estará necessariamente com o mais habilidoso. Mas se manifesta, com certeza, no que [13] passa 99% do tempo com a cabeça erguida. (...)

[14] O mais inteligente não olha para o chão quando conduz a bola para poder enxergar ao longe companheiros e [15] inimigos e o espaço de que dispõe para resolver tudo de forma aparentemente (para quem olha de fora) mais fácil.

[16] O Brasil nunca ganhou uma Copa sem um homem que tivesse a virtude de pensar e agir antes de todos os outros. [17] Eu diria, para resumir, que falta à Seleção uma inteligência superior como a desse moço que faz o Rio Grande chorar desde [18] sábado. O Brasil não tem um Fernandão.

23 - (UFPel RS)

Das afirmações abaixo sobre os recursos linguísticos empregados nos textos,

I. Os nexos **que** (texto 1, Ref.1) têm a mesma função.

II. Em "Era uma denominação imprecisa." (texto 1, Ref.. 2), **imprecisa** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **vaga**, **inexata**.

III. Na referência 2 do texto 2, o **Que** sublinhado refere- se a **jogador**.

IV. Os nexos **quando** e **para**, no parágrafo "O mais inteligente não olha para o chão **quando** conduz a bola **para** poder enxergar ao longe companheiros e inimigos e o espaço de que dispõe para resolver tudo da forma aparentemente (para quem olha de fora) mais fácil." (texto 2), estabelecem uma relação de, respectivamente, tempo e finalidade.

está(ao) correta(s)

a) apenas II.

b) apenas a I e a IV.

c) apenas a II e a III.

d) apenas a II e a IV.

e) apenas a II, a III e a IV.

f) I.R.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 24

Hoje não escrevo

Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para os milhares de assuntos.

Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não Chamada de abertura do portal globoesporte.com. Disponível em: só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha. O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho (infiel) do dicionário.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não notícias faz-se a crônica**. Rio de Janeiro: Record, 1974. p. 46.

24 - (Unievangélica GO)

No trecho “Chega um dia de falta de assunto. Ou, mais propriamente, de falta de apetite para os milhares de assuntos”, o constituinte “mais propriamente” exerce um papel importante na direção argumentativa do texto, tendo como função

a) modificar o sentido do verbo “chegar”, agregando- lhe um contorno metafórico.

b) dar uma carga de intensidade ao substantivo “assunto”, modificando-o profundamente.

c) enfatizar a condição de ignorância do autor frente ao que pretende escrever.

d) especificar um elemento apresentado de forma genérica na oração anterior.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 25

NOSSO TEMPO

(...)

V

Escuta a hora formidável do almoço

na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.

As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.

Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!

Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,

olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.

Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida,

mais tarde será o de amor.

Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma indecisa, evoluem.

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.

Multidões que o cruzam não veem. É sem cor e sem cheiro.

Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,

vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,

toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

(...)

Carlos Drummond de Andrade, **Poesia completa**.

25 - (FGV)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

I. A expressão “num passe” (verso 2) exprime noção de tempo.

II. Segundo o poeta, “na hora formidável do almoço”, ocorrem os movimentos de fluxo e refluxo, expressos, respectivamente, por “esvaziam-se” e “se recuperam”.

III. O último verso contém dois verbos no imperativo (“toma” e “extrai”), por meio dos quais o poeta se dirige ao leitor.

Está correto apenas o que se afirma em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) I e III.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 26

A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar "calças" na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: "O capitalismo exibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral" etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ora, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto. Pobre é viciado, rico é dependente químico

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Frei Betto

Adaptado de *O Dia*, 21/03/2015.

26 - (UERJ)

No segundo parágrafo, o emprego de certa estrutura encaminha a reflexão do leitor para os disfarces que a linguagem permite.

Essa estrutura é caracterizada principalmente por:

a) modalização

b) pressuposição

c) exemplificação

d) particularização

GABARITO:

1) Gab: E

2) Gab: C

3) Gab: D

4) Gab: B

5) Gab: B

6) Gab: D

7) Gab: D

8) Gab: E

9) Gab: B

10) Gab: C

11) Gab: B

12) Gab: A

13) Gab: D

14) Gab: C

15) Gab: A

16) Gab: E

17) Gab: D

18) Gab: C

19) Gab: A

20) Gab: D

21) Gab: B

22) Gab: B

23) Gab: E

24) Gab: D

25) Gab: D

26) Gab: C